



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



A (DES) CONSTRUÇÃO DO JECA TATU: UMA ANÁLISE DA PERSONAGEM DE MONTEIRO LOBATO¹

Luciene Conceição dos Santos²

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia na UFRB

E-mail: luccy_star@hotmail.com

Resumo

O presente estudo trata-se de uma pesquisa de caráter documental que problematiza a representação social atribuída à personagem ficcional Jeca Tatu, imortalizado em nossa literatura pelo escritor Monteiro Lobato. Parte-se do pressuposto, nessa análise, que o texto literário permite uma relação entre a obra e seu reflexo social influenciando no processo de interpretação social da realidade. Assim, o principal objetivo desse estudo é evidenciar na obra de Monteiro Lobato, de modo específico no conto *Velhas Pragas*, a representação do homem do campo através (des) construção da personagem Jeca Tatu. Para tanto, é preciso considerar que ao longo do século XIX o sujeito do campo não fora visto com bons olhos pela literatura brasileira. O escritor Monteiro Lobato expõe através da personagem que representa a coletividade dos trabalhadores rurais, da gente da roça, um desejo pela inovação que propugnava o uso de novas tecnologias no campo. Desse modo, mais uma vez repetia-se a receita na qual se importavam as idéias advindas da Europa na tentativa de construção de um modelo civilizatório, capaz de (re)definir a identidade Brasileira. O resultado dessa pesquisa aponta a necessidade de evidenciar como as relações identitárias são estabelecidas no campo da produção literária. Sabemos que a literatura não é ingênua, muito menos dissociada da realidade social na qual se insere. Assim a arte da palavra, corrobora, como se pode evidenciar no caso da personagem de Jeca Tatu, para a (des) construção de identidades, inserindo-se no violento jogo das relações de poder em que muitas culturas são silenciadas.

Palavras chave: Identidade, Jeca Tatu, Representação Social.

Introdução

¹Artigo elaborado sob orientação do Prof. Tarcísio Fernandes Cordeiro e co-orientação do Prof. Fábio Josué Souza dos Santos. O presente trabalho foi realizado com apoio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID, da CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil.

² Graduanda em Letras, Libras, Língua Estrangeira pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – *campus* Amargosa. Aluna-bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID (Edital 01/2011), no subprojeto “Física / Interdisciplinar – Classes Multisseriadas nas Escolas do Campo”.

Ao longo do processo de abolição da escravatura no Brasil, na segunda metade do século XIX, o Estado brasileiro não ofereceu condições aos negros, escravos e ex-escravos, para que pudessem ser integrados na sociedade brasileira, especialmente no mundo do trabalho; preferiram a mão-de-obra advinda da Europa. Assim, os negros foram marginalizados e excluídos.

No início do século XX temos um novo reflexo social, o caboclo, que por sua vez também não tiveram oportunidades. Para sua sobrevivência saíam de uma terra para outra quando não poderiam mais usufruir dela, com suas crenças faziam o seu próprio plantio para subsistência.

No entanto os fazendeiros condenavam essas práticas e os consideravam como homens indolentes que não se fixam a terra alguma e os taxavam como incapazes da modernidade e do progresso, pois estes não tinham educação sobre o manejo do solo, ou seja, práticas agrícolas. Monteiro Lobato grande fazendeiro da cidade de Taubaté, no Vale do Paraíba, interior do Estado de São Paulo, letrado, fazia uso das modernidades agrícolas para o plantio do milho feijão e lavouras e mostra-se incomodado com as práticas dos pequenos agricultores. (LOBATO, 1914)

É neste contexto que Lobato cria a personagem *Jeca Tatu*, como símbolo do homem do interior, preguiçoso, pobre e doente, sendo um empecilho para produção agrícola e, portanto ele precisa ser “tocado” – Lobato declara: “ao caboclo tocá-se!”. Em 1914 escrevera o artigo “*Velha Praga*” para o jornal *O Estado de São Paulo*, na seção de queixas e reivindicações, como forma de protesto, expressando a sua opinião enquanto fazendeiro e, portanto, representante da oligarquia paulista.

Neste contexto emerge as discussões sanitaristas e interpretações acerca da sociedade brasileira; o pensamento Lobatiano constrói uma tríade de imagens simbólicas do homem do interior; o *Jeca Tatu*, *Jeca Tatuzinho* e *Zé Brasil*, relacionando com a Saúde Pública e a Educação. No primeiro momento o jeca aparece como doente preguiçoso e incivilizado em um segundo momento renasce o jeca tatuzinho como vítima das enfermidades, e por sua vez o Estado assume o papel de regenerar os homens rurais por meio de políticas sanitaristas. E para combater essas moléstias, uma empresa de farmacêuticos difundiu o tônico Fontoura; por sua vez com ajuda da ciência o jeca tornava-se um homem trabalhador, poderia enriquecer e se tornar um grande fazendeiro. E a terceira figura engenhosa também criação de Lobato é o *Zé Brasil*, este por sua vez representa o trabalhador rural explorado, mas não passivo, “o coitadinho”, nesta nova versão surge o

jeca intolerante a exploração patronal presente no conto *Velha Praga* e a visão paternalista presente no conto *Jeca Tatu a Ressurreição*. (SANTOS, 2006)

Lobato perpassou por várias posições ideológica, naquela época, todas em prol do desenvolvimento econômico do país, e para tanto o desenvolvimento dos espaços rurais, pois a modernidade era o subsídio para o progresso.

Pois naquela época acreditava-se que a mistura racial era o empecilho para o desenvolvimento econômico do país. Surge então a figura do Jeca estereotipada como símbolo do homem do interior. Assim, Lobato expressa neste conto a sua imagem sobre o trabalhador rural, suas práticas e crenças. Segundo o autor, o trabalhador rural não se apega a terra, usa práticas arcaicas de fertilização do solo, a exemplo do fogo, e é sempre um ser doente, que degenera a raça brasileira e, portanto, é visto como atraso ao progresso. O escritor culpabiliza o “caboclo” por todos os problemas rurais do Brasil.

Partindo do quadro exposto acima proponho a analisar o conto *velha praga* observando o contexto social vigente daquela época, a proposta do autor ao escrevê-lo e qual o reflexo social para sociedade.

Literatura como representação social

Definir literatura precisamente é desafiador. O que se pode verificar é que existem diferenças entre um texto literário e um não-literário, que também pode variar segundo o contexto em que o leitor está inserido. O termo “literatura” vem do latim “litteris”, que significa letras, ou seja, a escrita como um conjunto de saberes produzidos em uma época ou um país que transporta para o texto saberes artísticos, emoções e não tem cunho meramente técnico como um texto científico. (OLIVEIRA, 2004; PACHECO 2010; PERRONE, 1996; BARBOSA, 1994).

Ela expressa a organização social, assim, tanto serve para denunciar, mobilizar, pela transformação, emancipação, inclusive, as desigualdades sociais: a fome, a pobreza e torna-se, enfim, o espaço onde as culturas não são silenciadas. Por exemplo, a autoria feminina, a cultura afro, a cultura nordestina e etc. Quanto para difundir ideologias e silenciar culturas, o que incide no conto *velha praga*.

Além desses aspectos citados acima, a literatura nos permite caminhar em diferentes contextos sociais. Por meio da obra podemos analisar quem a escreveu, a época e dentro desta; qual a transformação política social e cultural que perpassa o autor, para entender qual a sua abordagem anseios e desejos ao escrever uma determinada obra.

A literatura usa a língua não apenas como instrumento, mas se utiliza de formas, sejam estas conotativas ou metafóricas que passam para o leitor sentimentos de forma natural não se preocupando meramente com a estética, mas com a formação humana de quem vai ler.

Assim, ela expressa os dilemas vivenciados pelo homem na sociedade; as diversas culturas, gêneros, religiões, etc. O texto literário permite uma relação entre a obra e seu reflexo social influenciando no processo de interpretação e representação social da realidade.

Por muito tempo no Brasil e na América Latina, sobretudo até a primeira metade do século XX, pela ausência ou escassez de estudos científicos, a literatura teve relevante papel na representação da realidade social e natural, sobretudo no que se refere a espaços longínquos, distantes dos centros econômicos e de poder, que também eram o centro cultural do país.

Assim, uma questão instigante é pensar como o rural foi tematizado em nossa literatura?

Ao longo do século XIX o sujeito do campo não fora visto com bons olhos pela literatura; descrevendo-o apenas de acordo com interesses de um pequeno grupo; a elite burguesa. A primeira tentativa de tematizar o rural foram com publicações de cunho regionalista, estas em busca de abordar o sertanejo, o gaúcho, o nordestino e o caboclo; não de forma idealizada, mas em busca do “realismo”, sua linguagem, cultura, costumes e expressões. Esse fora o intento de escritores românticos como José de Alencar, Gonçalves Dias, dentre outros deste período. Estes livros abordavam, em geral, a figura do índio, a natureza e a sua cultura, apenas como exaltação e celebração, de forma romancista, às vezes ingênua, num movimento de exaltação do regional ante o Nacional, em busca de uma identidade para o Brasil.

No início do Século XX, a obra *Os Sertões* de Euclides da Cunha, vai se constituir em nossa primeira obra de cunho mais realista a abordar o mundo rural. Apresentando o homem sertanejo e o seu contexto geográfico e social; a seca, a vida afanosa, o cotidiano e etc. superando a visão romancista que o mesmo comungava antes da escrita do livro, a natureza sempre bela, ou seja, um paraíso.

O pensamento euclidiano veio como uma proposta de valorizar os verdadeiros heróis do sertão, que foram mortos na Guerra de Canudos e o mesmo demonstrava uma nítida preocupação em busca de uma identidade frente à nação, considerando o sertanejo como representação da sociedade “antes de tudo um forte”, enquanto o mestiço do Litoral, origem do cruzamento entre o branco e o negro, possuía o raquitismo exaustivo, um fraco. A questão racial era um dos elementos significativos ou mais importante para se estabelecer o símbolo de nacionalidade, pois os europeus tinham uma visão negativa sobre

o litígio racial. A obra *Os Sertões* teve suma importância para Literatura a fim de tematizar o rural. (OLIVEIRA, 2002).

Monteiro Lobato representa, então, a partir da segunda década do século XX, uma tentativa peculiar de interpretação do mundo rural brasileiro, que tem em seu conto *Velha Praga* o marco inaugural desta visão, e terá continuidade em outras produções como *Urupês*, e será incorporado, também, em sua produção para o público infantil, a exemplo do *Sítio do Pica-Pau Amarelo*.

Só então a partir da década de 1930, alguns autores debruçam na escrita de uma forma mais reflexiva e centrada para compreender as desigualdades sociais e as transformações políticas, inclusive, da própria elite nacional, desse modo tivemos: Jorge Amado, João Guimarães Rosa, Érico Veríssimo, de uma perspectiva mais realista, Graciliano Ramos com “Vida Secas”, que denuncia a pobreza, a exploração e a injustiça com os pobres, a falta de identidade do personagem Fabiano e de perspectivas, ou seja, retratando a dificuldade de ser alguém, quando se é pobre, nordestino em meio à elite.

Partindo então do quadro exposto acima é que iremos analisar no tópico a seguir a personagem Monteiro Lobato, “Jeca Tatu”, analisando o título da obra, alguns trechos da obra que evidenciam a desvalorização do jeca e posteriormente a construção do nome da personagem.

Análise literária da personagem Jeca Tatu

José Bento Monteiro Lobato foi um escritor, cuja fama deu-se após ter escrito “Urupês”, um livro que reúne uma série de 14 contos, entre eles, “Velha Praga”. Os contos baseiam-se na figura do Caboclo, enfatizando de forma crítica e irônica seu cotidiano, sua cultura e seus costumes.

“Contista, ensaísta e tradutor, este grande nome da literatura brasileira nasceu na cidade de Taubaté, interior de São Paulo, no ano de 1882. Formado em Direito, atuou como promotor público até se tornar fazendeiro, após receber herança deixada pelo avô. Diante de um novo estilo de vida, Lobato passou a publicar seus primeiros contos em jornais e revistas”.

Uma das críticas de Lobato em relação ao caboclo é a destruição, através da queimada, de grande contingente de terras por um capricho: o do plantio. Isso para o autor só mostra o quanto à figura do caboclo, é retrógrada e ignorante. Esse ato, para Lobato chega a ser tão grave quanto o ato da Guerra, já que ele estava vivendo um cenário de Guerras, faz uma analogia com o contexto mundial e a queimada dentro da própria obra literária: “(...) se lá

fora o fogo da guerra lavra implacável, fogo não menos destruidor devasta nossas matas, com furor não menos germânico”. (LOBATO, 1994, pág. 2)

Antes da fama, Lobato foi um fazendeiro, a partir de suas experiências em sua fazenda, escreveu o artigo *Velha Praga*. Após a morte do avô, o Visconde de Tremembé, em 1911, mudou-se com a mulher e os dois filhos, Marta e Edgard, para a Fazenda Buquira, que herdara do pai. Na fazenda trabalhou para torná-la rentável, desenvolvendo projetos para modernizar a agricultura e a pecuária. Plantou lavouras de milho, café e feijão. Em 1914 a fazenda não ia bem e diante dos déficits pode perceber que não tinha jeito para fazendeiro. Iniciou campanha contra as queimadas escrevendo artigos para o jornal *O Estado de São Paulo* sob o título “A Velha Praga”, referindo-se às queimadas que arrasavam as matas de sua fazenda. Personalizou *Jeca Tatu* como réu da prática incendiária que, mexeu com o sentimento patriótico dos que apresentavam o índio e o caboclo brasileiro como grandes heróis de um progresso inexistente. E o nome de Jeca Tatu correu o mundo estigmatizado como o caboclo incendiário.

Analisando o título “Velha Praga” de uma forma mais criteriosa percebemos que o próprio termo “Praga” remete ao fracasso, calamidade, azar, desfortuna e miséria, associando a palavra velha; com a ação contínua do cabloco ao fazer queimadas nas terras dos fazendeiros. Lobato considerava o cabloco como o “funesto parasita da terra”, um homem preguiçoso sem visão de progresso que somente destruía as terras alheias.

É curioso como Lobato retrata o caboclo como praga, um ser ignorante, a quem a modernização ainda não chegou, “*inadaptável à civilização, mas que vive à beira dela na penumbra das zonas fronteiriças*” (LOBATO, 1994, pág.3).

O caboclo é apenas um incendiário! Lobato não especifica o porquê daquela ação; porém, sabemos que por muito tempo procedeu-se no Brasil a ideia da queimada como meio de fertilização do solo. O trecho a seguir, descreve como era a prática agrícola do cabloco após as queimadas; “*Entrado setembro, começo das “águas”, o caboclo planta na terra em cinzas um bocado de milho, feijão e arroz; mas o valor da sua produção é nenhum diante dos males que para preparar uma quarta de chão ele semeou*” (LOBATO, 1994, pág.5).

Este texto retrata uma história de quem vive no campo, a hierarquia do fazendeiro, o difícil acesso a terra e por isso o caboclo não se fixa em lugar algum, o que nos remete a uma reflexão ainda que superficial, não permitindo cometer anacronismo histórico, aos assentados e sem terra de hoje, que vão à busca de melhores condições de vida, para isso,

muitas vezes tem de invadir a terra não para destruir, mas para usufruir e sobreviver com recursos naturais advindos dela.

Em busca de representar a identidade do povo brasileiro várias foram as tentativas nesta época; mas como caracterizar o caboclo, como símbolo de identidade nacional se este não tinha amor à pátria e a própria raça era um empecilho para o progresso? O caminho mais fácil e perverso seria a (des) construção do homem do interior. É nesse contexto que Lobato cria a personagem “Jeca Tatu”; Jeca, o caipira, preguiçoso, acanhado e que vive no mato, homem de origem rural. Aquele que possui comportamento associado a pessoas que não sabem se comportar no meio urbano, sem vida social. Por exemplo, quando dizemos “Fulano é muito jeca!” faz referência à pessoa acanhada e ignorante.

E o termo Tatu refere-se ao mamífero comum no Brasil que vive a maior parte do tempo em buracos ou se esconde na sua própria carapaça. Percebeu a junção da palavra Jeca mais Tatu; uma forte analogia de relações de identidade incutida na criação desta personagem. De forma desrespeitosa, o autor infere o caboclo como causador de todos os problemas do espaço rural.

Nota-se em uma das falas dos personagens o desejo de o fazendeiro querer denunciar o autor das queimadas à polícia, mas logo é advertido por seu capataz que não vale à pena, pois são todos os caboclos eleitores do governo, contra eles nada pode ser feito. “*Não há recurso legal contra ele. A única pena possível, barata, fácil e já estabelecida como praxe, é “tocá-lo”. Curioso este preceito: “ao caboclo, toca-se” (LOBATO, 1914, Pág.5).*

Tocar é uma ação contínua nos espaços rurais, homens que não possuem terras, pois são concentradas nas mãos de poucos, são tocados. Então a única alternativa para Lobato proteger seu patrimônio e denunciar o “criminoso”, é recorrer ao jornal publicando o artigo e estereotipando o caboclo para defender suas terras.

Aprofundando o olhar

Com base nos dados analisados e por meio das fontes bibliográficas foi possível constatar que as relações de poder observadas no conto *Velha Praga*, demonstram total negligência ao homem da roça que por sua vez é um elemento importante na construção e organização social do nosso país.

A hierarquia dos fazendeiros em meio à crise econômica vigente nos anos 10 do século XX, e o país em guerra recaem sobre a figura do Jeca Tatu; não respeitando suas crenças e

sua cultura, o descaracteriza de forma perversa e o coloca como atraso a modernidade o que reflete para o espaço rural também, pois este simboliza o espaço geográfico daquela região.

Com medo da crise econômica e os déficits de sua fazenda, Lobato transporta os pensamentos europeus para o Brasil, as tecnologias agrícolas, os discursos sanitaristas e a idéia de branqueamento, pois a mestiçagem é vista como um empecilho ao progresso, então cria-se a personagem do Jeca estereotipada e a desvaloriza no contexto social em questão.

Hoje as produções acerca do espaço rural vieram mudando um pouco, produções literárias como *Vidas Secas* e *Grandes Sertão Veredas* trazem os desafios de quem vive no campo e denuncia o coronelismo como forma de exploração do homem do interior. No entanto este espaço ainda é sinônimo de precariedade e abandono e as pessoas que lá habitam são postas em segundo plano; políticas econômicas e sociais são pensadas apenas para os centros urbanos. Além disso, existe o maior índice de pobreza, analfabetismo, terras concentradas na mão de poucos e evasão escolar.

Movimentos sociais como o MST³ lutam por melhores oportunidades de quem vive na roça, condições básicas que são negligenciadas. A produção de Lobato traz o reflexo da concentração de riquezas e do poder na mão da minoria, e como consequência a pobreza e a miséria de quem vivem no campo.

É importante ressaltar que o escritor Monteiro Lobato foi o “precursor na literatura infantil no Brasil” sua escrita simples cheia de sonhos e fantasias, teve grande destaque com a publicação do livro, *Sítio do Pica-Pau Amarelo* contemplado também na televisão, a história baseava-se em um sítio típico do interior e neste acontecia várias histórias; *a Menina do Nariz Arrebitado*, *O Saci*, *Fábulas do Marquês de Rabicó*, *Aventuras do Príncipe*, *Noivado de Narizinho*, *O Pó de Pirlimpimpim* e etc. um encontro com fábulas e com o folclore, muita fantasia e imaginação que encantavam as crianças.

O intento deste estudo não foi de desqualificar os escritos de Monteiro Lobato ou a sua personalidade, apenas analisar a relação política e social abordada em uma de suas obras, o conto *Velha Praga*; que corrobora com a negação do homem da roça, o poder da elite oligárquica e a sua preocupação em busca de uma identidade Nacional e assim criando a

³ São movimentos sociais que lutam por melhorias para o espaço do campo e para as pessoas que lá vivem. MOC- Movimento de Organização Comunitária, MST- Movimento dos Sem Terra.

figura do *Jeca Tatu* de forma desrespeitosa, inferindo que o homem do interior é o agente de todas as dificuldades no meio rural.

Referências

- ANTUNES, Nara Mara de Maia. Identidade Nordestina através da Literatura. In: BURITY, Joanildo. **Cultura identidade: perspectivas interdisciplinares**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, pág. 106- 119.
- BARBOSA, João Alexandre. **Literatura Nunca é apenas Literatura**. São Paulo: FTD, 1994, pág. 21-26.
- LOBATO, Monteiro. Velha Praga. In: _____. **Urupês**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- OLIVEIRA, Marinyne Prates. **Olhares roubados; Cinema, literatura e Nacionalidade**. Salvador: Quarteto, 2004.
- ROCHA, Maria Isabel Antunes. Jeca Tatu: uma história de resistência. In: MARTINS, Aracy Alves et. al. (Orgs.). **Outras terras à vista: Cinema e Educação do Campo**. Belo Horizonte, 2010.
- OLIVEIRA, Ricardo. **Euclides da Cunha, Os Sertões e a invenção de um Brasil profundo**. São Paulo: Rev. Bras. Hist. vol.22 no. 44, 2002.
- PORTAL, São Francisco. **Abolição da Escravatura no Brasil**. Disponível em: <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/abolicao-da-escravatura-no-brasil/abolicao-da-escravatura-no-brasil.php>, acessado no dia 17/03/2012.
- PACHECO, Abilio. **Conceitos de Literatura**. Belém/Bragança, 2010.
- PERRONE, Leila Moisés. Literatura e Sociedade. In: -----**Leitura para Todos**. São Paulo: USP DTLLC, 2006, Pág. 17-29.
- SANTOS, Ricardo Augusto dos. Lobato, os Jecas e a questão **racial no pensamento social brasileiro**. Disponível em: <http://www.achegas.net/numero/sete/ricardo_santos.htm>.
Acesso em 20 abr. 2006.
- SANTOS, Fábio Josué Santos. **Nem 'tabaréu/o a', nem 'doutor/a': o aluno e a aluna da roça na escola da cidade - um estudo sobre escola, cultura e identidade**. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade). Salvador: Universidade do Estado da Bahia - UNEB, 2006.
- SPEYER, Anne Marie. A formação do campesinato brasileiro. In: _____. **Educação e Campesinato; uma educação para o homem do meio rural**. São Paulo: Loyola, 1983, pág. 20-33.

